



abralic  
experiências literárias textualidades contemporâneas

## FRAGMENTOS URBANOS: A NARRATIVA DESVAIRADA DE ELES ERAM MUITOS CAVALOS, DO ESCRITOR LUIZ RUFFATO

Amanda Trindade Martins da Silva<sup>1</sup> (UEFS)

Aleilton Santana da Fonseca<sup>2</sup> (UEFS)

**RESUMO:** Luiz Ruffato despontou sua carreira tornando-se mais reconhecido a partir da publicação de um dos seus primeiros romances: **Eles eram muitos cavalos**, publicado em 2001. Estilhaftado, o romance é composto por inúmeras possibilidades de linguagem, tornando-se uma obra híbrida. Como parte da ficção contemporânea brasileira, o livro atende às tendências comunicativas da época, se utilizando de uma roupagem que provoca discussões tanto se formos discutir acerca da temática tratada – a problemática do desenvolvimento urbano descontrolado e sua conseqüente derrocada humana –, quanto sobre a montagem do livro, misturando muitos estilos de texto buscando um sentido lógico, além da linguagem rápida e objetiva. O autor experimenta montar seu romance tendo a cada capítulo uma abordagem diferente para a mensagem que se pretende transmitir. Sendo a obra iniciada por um cabeçalho – o qual já delimita o espaço onde o livro é ambientado, a plural cidade de São Paulo –, tem sua continuidade constituída por narrativas, cartas, bilhetes, fragmentos de jornal, cardápios, listas de empregos, diálogos, lista de livros dispostos numa estante, descrições de espaços, etc. Esses são apenas alguns exemplos de toda a riqueza de métodos e experimentações que o autor faz uso, na intenção de simbolizar as cenas da cidade contemporânea, a qual é formada por várias realidades distintas, contrastantes e, igualmente ao texto, estilhaftada. Portanto, o presente estudo possui o intento de alcançar respostas que expliquem de que forma a complexidade urbana da modernidade é representada na obra **Eles eram muitos cavalos**. Para tanto, as contribuições dos teóricos Antônio Cândido, Mikhail Bakhtin, Ricardo Cordeiro Gomes, Canclini, Ferrara, Schollhammer serão fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa que tem o apoio da Fundação de Amparo ao Pesquisador do Estado da Bahia – FAPESB.

Palavras-chave: Literatura contemporânea. Cidade. Sociedade.

### 1 Introdução

A metrópole brasileira do século XXI apresenta uma configuração espacial e humana complexa, no que concerne à sua organização, seus perfis urbanos e os diversos usos pelos habitantes que nela vivem e circulam diuturnamente. Trata-se de uma

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana. / <sup>2</sup> Orientador. Professor pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana.

sociedade fragmentada e flutuante, na qual os indivíduos interagem numa rede de relações predominantemente utilitárias, problemáticas, impessoais, mergulhados num turbilhão dinâmico de imagens, valores, atitudes e sensações, numa massa informe de consumidores seduzida pelos apelos publicitários e midiáticos. Assim, os habitantes da metrópole, em meio ao arrojo ultramoderno da arquitetura e dos serviços, ora isolado em suas residências, ora exposto ao perigo das ruas, cumpre sua jornada de vida, assumindo ou buscando seu lugar na imensa engrenagem.

A cidade torna bastante visível as contradições de sua estrutura, na qual, como se sabe, avulta a disparidade existente entre as várias realidades econômicas da população, situação histórica construída ao longo de seu surgimento e formação. É interessante notar a teia de circunstâncias que se entrelaçaram nas últimas décadas e formaram novas configurações urbanas responsáveis por transformações na paisagem da cidade, nos hábitos, nos desejos, nos objetivos dos indivíduos, nas ações que envolvem a ética e o senso de alteridade, nas diferentes camadas socioeconômicas da população. Hábitos consumistas, imigrações, ofertas e demandas de inumeráveis serviços, os quais foram gerados por múltiplos estilos de vida que, por sua vez, recebem influências de diversas regiões do planeta e passam a compor um novo cenário, cujos personagens tentam se adaptar rapidamente, construindo novas identidades a cada geração.

Nesse contexto da metrópole brasileira, a partir da época pós-ditadura, surgiram novas manifestações de interesse pelos estudos urbanos, ocupando áreas diversas como a antropologia, a sociologia, o urbanismo e também a literatura que, por sua vez, ocupa-se em representar a cidade labiríntica e complexa da contemporaneidade. Muitos escritores contemporâneos localizam nessas cidades os cenários de suas narrativas. Entre eles destacamos Férrez, Paulo Lins, Carlos Ribeiro, Aleilton Fonseca, Luiz Ruffato, Marcelino Freire, dentre outros.

Os autores da narrativa urbana contemporânea costumam utilizar a dinâmica cidadina para estruturar, em suas obras, as cenas prosaicas, cotidianas, que muitas vezes passam despercebidas por quem está habituado a transitar pelas ruas com seus planos diários automatizados. A ficção põe em foco personagens que sempre foram preteridos, para fazerem parte dos enredos urbanos e, por extensão, os inscreve no panorama da literatura brasileira contemporânea. Muitos escritores trazem para o centro ficcional estes personagens. Alguns deles, são oriundos de camadas sociais minoritárias e se utilizam da literatura para rediscutir este espaço e trazer à tona reflexões a partir de sua própria fala e lugar. Assim, essa literatura se presta para fazer os leitores refletirem

sobre as suas próprias vivências, sobre o seu meio e, iluminados por novos pensamentos, poderem ao menos pensar transformá-lo.

Imerso nessa conjuntura problemática que tem raízes desde os tempos de colonização do país, evoluindo e se transformando, o escritor mineiro Luiz Ruffato escreveu **Eles eram muitos cavalos**, romance que mostra diversas situações da multifacetada realidade urbana, cenas distintas entre si e que, justamente por isso, possibilita ser estudado através de muitas abordagens, experimentando as alternativas de que a linguagem literária dispõe.

**Eles eram muitos cavalos** é dividido em sessenta e nove curtos capítulos, nos quais são narrados episódios, onde personagens da vida comum vivem uma terça-feira do dia 09 de maio de 2000. O livro é composto por várias tipologias textuais. Nele podemos encontrar o estilo carta, o estilo narrativo, poético, injuntivo, descritivo em forma de listas, cardápios, folhetos religiosos e orações, além de telefonemas, relatos... São diversos tipos de textos, sendo que estes, como qualquer outra categoria textual, não se apresentam de forma pura, mas em cada capítulo temos a oportunidade de nos deparar com múltiplas maneiras de expressão, há, inclusive, a utilização de fontes de letras diversas para conferir uma melhor exposição do gênero.

Isto posto, a importância desta pesquisa está na ampliação dos estudos literários contemporâneos no que diz respeito à narrativa contemporânea e a representação da cidade, simbolizado no presente estudo, pelos escritos de Ruffato. O autor Luiz Ruffato é reconhecido no país e no exterior como representante de uma prosa capaz de interpretar a realidade contemporânea, através de uma linguagem objetiva, crítica e reveladora. A proposta do presente estudo vem se somar à sua fortuna crítica, abordando aspectos da configuração estrutural do romance e sua representação da cidade como estilhaçamento da experiência humana na grande cidade.

## **2 MetrÓpole paradoxal: palco de atração, fusão e repulsa**

Concentrando-se no tema para o qual esta pesquisa se propõe, nos indagamos: Porque **Eles eram muitos cavalos** chamou tanta atenção do público e da crítica? A resposta está na originalidade do livro. É claro que Luiz Ruffato não inventou nada, e não foi o primeiro a escrever um romance experimental. Todavia, o fato de o livro se passar numa cidade como São Paulo, numa cidade que poderia se igualar a qualquer outra metrópole, mas possui a característica singular de agregar pessoas de diferentes

lugares, não somente do Brasil, uma cidade que tem em sua identidade a marca do trabalho, do desenvolvimento, do crescimento e do desmembramento em várias faces, ideologias, tendências variadas, estilos de vida distintos e também possui o lado sombrio, triste, desagregador, pobre, perdido, e o autor não descrever toda essa gama de possibilidade temática da forma convencional, mas optar por mostrar, de maneira visível pelas páginas do livro, essa quebra e estilhaços urbanos, marca a diferenciação do livro.

São Paulo, no imaginário brasileiro, significa – e em outras épocas já significou bem mais – a cidade das oportunidades, a cidade onde há o sonho do desenvolvimento pessoal, financeiro e profissional. É sabido que muitas cidades agregam perfis diversos, mas em São Paulo essa característica é mais acentuada. Imigrantes de diversas nacionalidades chegaram a São Paulo durante o século XIX até meados do XX para servirem como mão de obra na produção cafeeira e posteriormente nas indústrias. Foram italianos, portugueses, espanhóis, japoneses, austríacos, alemães, romenos, lituanos, sírios, iugoslavos, polacos, somando por volta de mais três milhões de imigrantes durante o período referido <sup>3</sup>.

Por conta disso, hoje há uma diversidade muito grande entre a multidão paulista, reunindo os descendentes desses trabalhadores oriundos desses países e também de brasileiros vindos de outros estados da nação, principalmente de estados do Nordeste e de Minas Gerais, reunindo com isso, hábitos, crenças, estilos dos mais distintos possíveis, diversas culinárias, pluralidade nas artes, enfim, uma miscelânea cultural.

No meio de muitas circunstâncias que formam a população paulista, há a necessidade de se reinventar e se adaptar ao estilo do que é ser paulista, identidade indefinida, construída por todos que chegam ali para viver.

Ao decorrer das narrativas e dos capítulos do livro, encontramos a presença das culturas regionais do Brasil e as culturas de outros países sendo expressas em grandes e pequenos detalhes diários, integrados no dia-a-dia da população de forma plenamente incorporada aos seus costumes e comportamentos. São os efeitos da globalização que se fazem presentes ao vermos, por exemplo, referências a marcas de produtos que são consumidos pelos vários personagens, pertencentes à todas as estratificações sociais.

Afim de exemplificar de maneira simples e clara, nos voltemos para o livro para

---

<sup>3</sup> Informação extraída do site Arquivo Público do Estado de São Paulo, disponível em <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/imigracao/estatisticas.php>>. Acesso em 15 mar. 2016.

destacar um capítulo que ilustre o que estamos tratando aqui. Mais precisamente o capítulo sessenta e oito, intitulado **Cardápio**, e é um cardápio no qual está apresentado o que será servido no coquetel, na entrada, no prato principal e na sobremesa de um restaurante. Ao lermos os itens com calma, seremos capazes de notar o reflexo da hibridização cultural contida na cidade de São Paulo.

Com uma diversidade ampla de ingredientes que fazem parte das refeições que serão servidas, várias nacionalidades e regiões do país são contempladas. A começar pelo miniquiche, pelo damasco, nozes, originária de vários lugares do mundo, queijo *gruyère* de origem suíça, pastelzinho chinês, torta de *shitake* e alcaparras, originados do leste da Ásia e região mediterrânica, salmão, sopa de alho-poró vindo da França e ainda endívias, oriundas de países da Europa e marzipã, de origem árabe. Ainda vemos as tropicais frutas coco, de origem asiática, mas introduzida no Brasil desde a época da colonização portuguesa e o maracujá, proveniente de toda a região tropical das Américas.

Com a perspectiva de uma capital próspera e a sua representação no pensamento geral como a cidade múltipla onde qualquer um que chegue será bem acolhido e terá chances para crescer, muitas consequências negativas foram acarretadas, disparidades entre a população, gente perdida (nos vários sentidos da palavra), diferenças gritantes nos estilos de vida e na organização dos espaços.

Isto posto, como comenta Ferrara (1988, p. 4), “a interação entre contexto e uso urbanos transforma a cidade no palco de um espetáculo que se renova continuamente”. Ainda que um espetáculo desagradável diante de tantas ocorrências ruins as quais nos deparamos de maneira recorrente. Dessa forma, é justificável o quanto a cidade serviu como temática para incontáveis produções literárias desde a década de 1970.

Logo, pensando em toda a complexa conjuntura atual do nosso tempo, sobretudo na conjuntura urbana, Ruffato tenta ajuntar os estilhaços de uma cidade que explodiu em seu próprio progresso. Assim como liricamente comunga Gomes (1994, p. 64), "as asas do desejo de glória que, na falta de medida, conduziu a cidade à catástrofe". Com isso, o escritor nos coloca no centro da urbe e descreve, não abrindo mão da literariedade, suas percepções do cotidiano urbano.

### 3 O texto indisciplinado

Voltemos nossa atenção para o processo de criação do livro. Podemos notar que não se trata de um estilo consagrado de narrativa, estruturada num só enredo, onde personagens se desenvolvem no decorrer da trama, numa história dividida entre início, clímax e resolução. Como narrar a Pauliceia numa história arranjada à maneira tradicional se utilizando apenas de um enredo, um cenário, uma verdade, um tempo, um perfil, um ponto de vista? A genialidade da arte literária de alguma forma tornaria isso possível, mas o autor preferiu dispor seu romance em cenas ou como expressa Canclini, se referindo à cidade contemporânea, em uma “montagem efervescente de imagens descontínuas” (1999, p. 156), deixando evidente a dinâmica dessa metrópole que possui a configuração plural que já comentamos antes, o que confirma esta percepção de fragmentação urbana. Se ele o compusesse como uma ficção habitual, iria conseguir representar alguns perfis da cidade e também traria à tona a discussão da diversidade contida nela.

Porém, com o argumento de que seu desejo não era escrever um romance nos moldes costumeiros e que gostaria de narrar o tempo fugaz, descentrado, sem foco, sem um delineamento preciso que vivemos hoje, dispondo a linguagem ao seu uso prático, elaborando com isso um estilo próprio de escrita, justifica o modo de elaboração de seu trabalho e, assim em entrevista concedida à Folha <sup>4</sup>, o próprio autor que:

Minha opção pelo fragmentário foi uma provocação mesmo. Quando eu publiquei o **Eles eram muitos cavalos**, muitos críticos torceram o nariz e disseram “mas isto não é um romance”. Também acho que não é. Mas o que é? Não é um livro de contos. Quero colocar em xeque essas estruturas. Não quero fazer uma reflexão só sobre a realidade política, mas também questionar por meio do conteúdo a forma. (RUFFATO, 2005)

Apesar da afirmação feita acima de que a linguagem do livro está à serviço da realidade, é bom “ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de *poiese*” (CANDIDO, 2010, p. 21). Com essa afirmação é importante que se reitere que o *corpus* desta pesquisa é uma

---

<sup>4</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1903200507.htm>>. Acesso em 20 de junho de 2016.

produção literária e, como qualquer outra, o autor conta, desenha, afigura, imprime o seu ponto de vista individual, não tendo compromisso em retratar a realidade externa, mas a utilizando como inspiração.

Em se tratando da vida real e da escrita literária, ao ligá-los, Ruffato comenta sobre a dificuldade de narrar que o poeta enfrenta nos dias atuais. A opinião do autor é que não se pode narrar a cidade, o tempo presente ou qualquer que seja o tema da narrativa, de igual forma como se narrava em outros tempos, afinal, o tempo de hoje não se assemelha com o tempo de um século atrás, por exemplo. O número de indivíduos na cidade aumentou, a tecnologia avançou, a globalização integrou, a diversidade vem sendo incorporada e exposta na sociedade, ademais, os desejos humanos também foram se transformando, concomitantemente. Por esse motivo, no discurso proferido na França em 2010, que teve como título **Da impossibilidade de narrar**, num evento sobre o romance, tratando de **Eles eram muitos cavalos**, afim de validar o que comentamos anteriormente Ruffato (2010), diz que:

continuar pensando o romance como uma ação transcorrida dentro de um espaço e num determinado tempo, e que pretende ser o relato autêntico de experiências individuais verdadeiras, passa a ser, no mínimo, anacrônico.

Isto posto, Luiz Ruffato se compreende como um escritor harmonizado com o que conhecemos enquanto Novo Realismo, tendência literária “cuja realidade não se apoia na verossimilhança da descrição representativa, mas no efeito estético da leitura, que visa a envolver” (Schollhammer, 2008, p. 58), ou seja, o autor mergulha-se na realidade e quer contá-la, mas opta por uma orientação de escrita que não se pretende presa ao real, diferente da escola literária Realismo, que descreve muitas vezes com minúcia, a ponto de podermos visualizar a cena narrada como um quadro. Em **Eles eram muitos cavalos**, apesar de nos identificarmos com o que ali está sendo contado e ter conhecimento de que aqueles fatos são suscetíveis de ocorrer, o autor não desnuda. Há muita suposição, uso de metáforas, drama exacerbado, supressões, intensificação da representação das personagens, enfim, existe toda uma performance que dá forma às personagens e histórias e que permite que seja uma espécie de realidade plenamente ficcional.

Portanto, o livro se concentra em revelar as muitas possibilidades de vida que se apresentam em tempos, espaços e enredos absolutamente diferentes. O tempo para quem sobvoa a cidade de helicóptero não é o mesmo de quem depende do metrô e de

ônibus lotados todos os dias para chegar ao trabalho, em casa, na escola, na universidade. O espaço de quem mora nas comunidades, construídas em lugares pouco planos, insalubres, em casas construídas com materiais frágeis e inflamáveis não é o mesmo de quem mora num bairro nobre em condomínios luxuosos cercados por grades, câmeras, seguranças, ou mesmo em bairros mais modestos e populares. Os enredos de quem chega à capital, mas volta para a sua terra natal sem ter logrado êxito, ou que não volta, mas passa a ser morador de rua, vivendo de forma sub-humana e fazendo parte da estatística de todo tipo de violência, e até mesmo, estatística dos mortos pelo frio paulista nos meses de inverno; ou ainda os que também não voltam e vivem modestamente a sua vida de trabalho diário, honesto e com pouca rentabilidade, é distinto de quem chega na cidade e ascende economicamente, mesmo que se utilize de meios ilícitos para isso.

Dessa forma, como alguém que sobrevoa a cidade e a vê compartimentada em ambientes e situações diferentes, Ruffato monta o livro valendo-se de frações de vida, muitos deles expressando dramaticidades desconcertantes, cenas pelas quais a existência humana se depara cotidianamente em certos contextos, tendendo a se tornar frágil, porém, sem dispor de outra opção além de encarar. Dessa forma, como define Gomes, "os flashes sucedem-se velozes, quebrando a linearidade lógica e a possibilidade de totalização da cidade. Privilegiam-se as partes metonimicamente destacadas do todo [...]" (1994, p. 33).

Características que marcam o estilo e significação da obra e põe em dúvida a identificação do livro em um gênero literário específico, se for levar conta os moldes que todos estamos habituados (ao se tratar de um romance). Mas assim é a literatura contemporânea. Há a mistura de gêneros, porém é muito importante que se fale que ele possui todos os elementos que fazem dele um romance; apenas não está configurado num modelo convencional; os capítulos são independentes podendo ser lidos aleatoriamente. Mas não é necessário haver essa definição quanto a sua classificação. Deve-se sim interpretá-lo como uma das muitas vertentes da literatura contemporânea.

Alguns personagens de **Eles eram muitos cavalos** não possuem nome, outros o têm, mas de nenhum personagem é feita uma análise profunda a ponto de fazer com que o leitor o conheça profundamente, podendo fazer uma análise de seu modo de ser e intenções. São, em geral, pessoas anônimas, trabalhadoras, simples, humanamente defeituosas, sonhadoras, corruptas, saudosas, sofredoras, magoadas, esperançosas, ambiciosas, que foram escolhidas para representar uma verdade muito parecida com a



de muitas outras pessoas que vivem de forma semelhante. São os anônimos que Ruffato trouxe à tona assim como os cavalos de Meirelles.

Feito esse panorama, constatamos que o romance proposto para a realização desta pesquisa se realiza enquanto uma produção artístico-literária, capaz de desencadear discussões acerca de vários temas que estão em voga no cenário urbano do século XXI.

À medida que a apreciação vai sendo feita e o leitor vai se imergindo no contexto, na proposta do autor e nos recursos que ele utilizou, o entendimento é facilitado e a partir daí a leitura torna-se fluida, ainda que os retalhos que compõem o livro muitas vezes não permitam que seja uma fluidez completa, uma vez que em muitos instantes, os dramas ali narrados forcem uma releitura, outras vezes uma pausa ou reflexão.

Essa escrita de **Eles eram muitos cavalos** está inserida na lista de livros conhecidos como experimentais e se define como uma forma autêntica e ousada que o escritor possui para produzir. Não é uma tendência somente da literatura produzida dos últimos quarenta ou cinquenta anos para os atuais, de acordo com Santos (201?), Machado de Assis e James Joyce são considerados experimentais, por escreverem de forma bastante particular, surpreendendo o leitor. Para exemplificar, mencionaremos **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, publicado em 1881 – já publicado em folhetins desde o ano anterior –, e **Ulisses**, em 1922. No primeiro livro, nos deparamos já no prólogo, com um “defunto autor” como ele, o inusitado narrador Brás Cubas se rotulava, que conta a própria história depois de sua morte. Esse clássico possui uma organização não linear, o narrador vai contando os acontecimentos da sua vida, à medida em que vai se lembrando, cada lembrança é um capítulo, sendo eles interdependentes. A história do segundo livro, se passa num único dia (16 de junho de 1904) assim como **Eles eram muitos cavalos** (09 de maio de 2000), e de acordo com pesquisadora da obra, **Ulisses** é um dos romances mais inovadores do século XX apesar de pertencer ao grupo dos clássicos pouco lidos, segundo conclusões de pesquisadores do romance. Pressupomos a partir dessas informações que ambos os escritores tenham sido um dos vários possíveis influenciadores de Ruffato.

Isto posto, podemos dizer que Luiz Ruffato como autor de **Eles eram muitos cavalos** está longe de ser um precursor de uma obra diferenciada, apesar de podermos inserir o livro entre aqueles que marcaram a literatura brasileira em se tratando de criatividade.

Decerto que a originalidade do livro vem do conhecimento amplo que seu autor demonstra ter ao reunir tantos recursos e ser capaz de manifestar tantos conhecimentos tanto da língua portuguesa quanto literários.

São Paulo não é narrada somente sob um ponto de vista, delineando somente uma representação da cidade. O romance compõe-se por muitos focos narrativos; cada capítulo se volta e é oriundo de um foco diferente. É como se tudo estivesse imerso na escuridão e um facho de luz se acendesse a cada capítulo apresentado. Vários tipos de narradores contam cada história e, em 1ª e 3ª pessoas, se dividem em narradores personagens, observadores e oniscientes. Ademais, é necessário reiterar que não se trata apenas de como é feita a narração, mas por quem ela é feita, quesito que faz toda a diferença, pois cada narrador está imerso num contexto diferente.

Os espaços narrados são muito bem demarcados pela menção que são feitas aos bairros, ruas, nome de shopping, praças; demarcações espaciais que conferem um tom mais realístico à vida dos personagens e acabam servindo como aproximação entre eles e o leitor.

Essas diversas maneiras de expressão dinamizam a leitura, e Ruffato ainda consegue incrementar fazendo uso de fluxos de consciência; descontinuação de falas dos personagens, sendo essas interrompidas pelo próprio narrador ou por um pensamento ou fala do protagonista ou de outro personagem; a não linearidade no desenvolvimento de algumas narrativas; a não conclusão da fala do personagem ao fim da história e ela própria inconclusa, permanecendo sem resolução, assim como acontece na vida real, uma vez ou outra.

Finalmente, a partir de como vemos ser a estrutura do livro, concordamos com Gomes, quando ele poeticamente expressa: "Ler/escrever a cidade é tentar captá-la nessas dobras; é inventar a metáfora que se inscreve, é construir a sua possível leitura. Cidade: linguagem dobrada, em busca de ordenação" (1994, p. 29).

Vimos anteriormente, o quanto os escritores possuíam o desejo de simular a conjunção na qual estavam imersos através da escrita. Por este motivo, é comum, ao examinar uma criação literária, o pesquisador buscar informações do que acontecia na ocasião em que foi escrita ou da época da narrativa, como explicou Cândido (2010, p. 16). Porém, existem muitos fatores, não somente os históricos ou sociológicos, que vão se constituir como elementos capazes de formar pleno significado na oportunidade de se estudar um romance. Isto posto, Bakhtin faz essa correlação entre o componente

artístico, estético e os outros membros de qualquer composição de arte, no caso aqui, literário:

O estilo artístico não trabalha com palavras, mas com elementos do mundo e da vida; esse estilo pode ser definido como um conjunto de procedimentos de informação e acabamento do homem do seu mundo, e determina a relação também com o material, a palavra, cuja natureza, evidentemente, deve-se conhecer para compreender tal relação. (BAKHTIN, 2011, p. 180)

É importante que, tomando como tema de estudo algum aspecto social, deva-se perseguir o sentido simbólico desse tal ponto de vista, não isolando-o, mas abarcando outros possíveis sentidos, como o histórico ou psicológico. Claro que o pesquisador sempre vai tender para um lado específico por pura preferência ou aptidão, porém, todos esses quesitos são parcelas estéticas, de acordo com o que Cândido (2010, p. 25) informou. Existem muitas questões que são englobadas e que englobam a perspectiva sociológica, como o fator psicológico, religioso, cultural, econômico, histórico, linguístico, e mais uma porção, as quais ajudam a formar o estético que diversas vezes é explorado como se fosse algo isolado dos demais.

Assim sendo, o romance de Luiz Ruffato é uma franca crítica social a uma cidade (não necessariamente se tratando apenas de São Paulo, mas de outras metrópoles como ela) que ultrapassou a fase fantasiosa e agora assiste a flagelada realidade na qual está mergulhada. Mas falamos em cidade apesar de sabermos que ela não está aí como um personagem que promove ações, mas ela se configura como um palco, um imenso palco com muitos cenários bastante diferentes entre si, no qual migalhas de humanidade, sonhos dissipados, frieza expressa nas escolhas e atitudes contrárias a atitudes eticamente esperadas, ciclos destrutivos, vítimas de modelos sociais que se pautam na injustiça, enfim, sobreviventes.

## Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Questões de literatura e estética: A teoria do romance**. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**. São Paulo: Edusp, 1999

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Ouro sobre azul, 2010.

FERRARA, L. D. **Ver a cidade**. São Paulo: Nobel, 1988.

GOMES, R. C. **Todas as cidades, a cidade**. São Paulo: Rocco, 1994.

RUFFATO, L. **Eles eram muitos cavalos**. 11ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

RICCIARDI, G. **Pedras para um mosaico**. In: Uma cidade em camadas: ensaios sobre o romance Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato. São Paulo: Horizonte, 2007.

SCHOLLHAMMER, K. E. **Ficção contemporânea brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

## Sites

RUFFATO, L. **Da impossibilidade de narrar**. Disponível em: <<http://www.conexoesitaucultural.org.br/wp-content/uploads/2010/05/da-impossibilidade-de-narrar.pdf>>. Acesso em 30 mar. 2016.

SANTOS, M. R. **Nos trilhos da ousadia**. Disponível em: <<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=419>>. Acesso em 01 jul. 2016.